



TEXTO: ANÍBAL RIBEIRO

Depois de quatro anos sem atualizações salariais, com grande sacrifício dos trabalhadores no ativo e reformados, é tempo de dar corpo a um acordo de negociação dinâmico, que preveja e dê garantias de estabilidade no emprego e distribua riqueza por aqueles que a produzem

## É tempo de os bancários erguerem a voz

Em quatro anos, a banca em Portugal reduziu o número de trabalhadores em 13%, o que corresponde a menos 7.400 bancários. É um número impressionante, pela sua dimensão e significado na destruição de emprego num setor de enorme importância social e económica.

Infelizmente a maioria das pessoas não nos dá ouvidos, mas seria bom que refletisse sobre o papel da banca no âmbito geográfico, na economia, na sociedade, e questionasse a atuação dos governos e dos partidos na vida de todos nós.

A nossa preocupação não é corporativa. Porque além do problema sério do emprego na banca, também o tecido social das comunidades está a ser afetado. A proximidade às populações que durante anos foi um desígnio da banca está a ser posta em causa pela atual política de reestruturações. Há já pequenas localidades que ficaram sem serviços bancários, após o encerramento de balcões, um após outro. E isto significa um retrocesso.

Em Portugal, 41 anos após a Revolução de Abril, é tempo de os bancários erguerem a voz em defesa dos seus direitos, em defesa das respetivas comunidades e contra um poder centralista que nada tem contribuído para o desenvolvimento económico.

É tempo de dar vida à vida e pugnar por uma economia de crescimento – e isso só se faz com trabalhadores.

Nunca deixámos de acreditar que é possível fazer mais e melhor pelos trabalhadores, o verdadeiro grande ativo das empresas.

As reformas legislativas, as reestruturações com forte implicação no setor financeiro, têm vindo, ao longo destes últimos quatro anos, a fragilizar o fator trabalho e a tentar enfraquecer o movimento sindical e os trabalhadores.

Depois de quatro anos sem atualizações salariais, com grande sacrifício dos trabalhadores no ativo e reformados, é tempo de dar corpo a um acordo de negociação dinâmico, que preveja e dê garantias de estabilidade no emprego e distribua riqueza por aqueles que a produzem.

As políticas recessivas que nos foram impostas mais não fizeram do que agravar as desigualdades, num País que está entre os mais desiguais da OCDE. Essas políticas conduziram a uma brutal emigração da população jovem, ao desmantelamento do Serviço Nacional de Saúde, a um retrocesso na garantia de educação para todos e a um aumento do número de pobres e da desigualdade social.

É tempo de travar o retrocesso dos últimos anos. É tempo de recuperar a dignidade dos trabalhadores e a centralidade do trabalho. É para isso que cá estamos. ■